

Aline Andrighetto*

Reconhecimento em âmbito multicultural

Resumo: A identidade cultural, assim como o multiculturalismo, as nacionalidades e a cidadania transformam-se em objeto de análise não apenas por sua relevância, mas pela necessidade de estudo e abordagem dos fenômenos políticos e históricos nos quais atuam. Entendida como valores, representações, símbolos e patrimônio, assimilados e compartilhados por comunidades, a identidade se encontra no centro dos questionamentos das ciências humanas. Noções de cultura, tradicionalmente, aplicam-se a realidades específicas. Há necessidade de identificar a cultura como parte importante do reconhecimento humano e da luta pela identidade do ser como pessoa.

Palavras-chave: Identidade. Cultura. Reconhecimento. Diferenças.

Recognition in multicultural context

Abstract: The cultural identity as well as multiculturalism, nationality and citizenship become the object of analysis not only for its relevance, but by the need to study and address the political and historical phenomena in which it operates. Understood as values, representations, symbols and heritage, assimilated and shared by communities, is at the center of the questions of the humanities. Notions of culture, traditionally apply to individual situations. The need to identify the culture as an important part of human recognition and the struggle for identity is as a person.

Key words: Identity. Culture. Recognizing. Differences.

Considerações iniciais

Os recentes debates intelectuais sobre o multiculturalismo e sobre o direito à diferença expressam um caráter polêmico, pois remetem à noção de integração de várias culturas. Ou seja, duas concepções se encontram em jogo com a ideia de universalismo e de tolerância à diversidade. Para que se possa realizar um estudo sobre as diferenças e fazer algumas considerações, faz-se

* Bacharel em Direito e pós-graduada em Direito Ambiental pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí); mestrandia em Direito e Multiculturalismo pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI); bolsista da CAPES; membro do grupo de pesquisa “Novos direitos na sociedade globalizada”; registrada no CNPq e base de sustentação da linha de pesquisa “Direito e Multiculturalismo” do Mestrado da URI, Santo Ângelo. E-mail: alineandrighetto@gmail.com.

necessário o estudo de alguns pontos primordiais sobre cultura, no sentido de identidade, de identificação da pessoa, para que possa verificar suas qualidades dentro de determinado grupo social.

1 Cultura

A identidade cultural, assim como o multiculturalismo, as nacionalidades e a cidadania transformam-se em objeto de análise não apenas por sua relevância, mas pela necessidade de estudo e abordagem dos fenômenos nos quais atuam. Entendida como valores, representações, símbolos e patrimônio, assimilados e compartilhados por comunidades, a identidade se encontra no centro dos questionamentos das ciências humanas. Noções de cultura, tradicionalmente, aplicam-se a realidades específicas. Há necessidade de identificar a cultura como parte importante do reconhecimento humano e da luta pela identidade do ser como pessoa.

Busca-se desvendar estilos de vida que remetam à noção de cultura de minorias, como: grupos étnicos, religiosos e também de identidades. Hall afirma que “a identidade somente se torna uma questão quando existe crise, quando algo que se supõe fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza”.¹

O aparecimento da cultura opera uma mudança de órbita na evolução. “São as culturas que se tornam evolutivas, por inovações, absorção do aprendido, reorganizações; são as técnicas que se desenvolvem; são as crenças e os mitos que mudam [...]”.² A cultura seria, pois, a maneira como se manifestam saberes.

1.1 Sobre o tema “cultura”

A cultura é constituída pelo conjunto de hábitos, costumes, práticas, saberes, normas, interditos, estratégias, crenças, ideias, valores, mitos que perpetuam de geração em geração, se reproduzindo em cada indivíduo e gerando uma complexidade social. Martinazzo menciona que “o homem constitui-se na complexidade da organização biológica e da integração sociocultural onde as instâncias biológica, cerebral, individual, social, cultural, ecológica e

¹ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p. 9.

² MORIN, Edgar. *O método 5: a humanidade da humanidade*. Trad. de Juremir Machado da Silva. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007. p. 35.

política estão em contínua interação”.³ A cultura acumula o que é conservado, transmitindo o aprendido e comportando vários princípios de aquisição e programas de ação. Em cada sociedade a cultura é protegida e mantida para que possa haver o reconhecimento da identidade do grupo. Neste sentido menciona Taylor:

[...] a importância do reconhecimento foi-se modificando e aumentando com a nova compreensão da identidade individual que surgiu no final do século XVIII. Podemos falar de uma identidade *individualizada*, ou seja, aquela que é especificamente minha, aquela que eu descubro em mim. Esta noção surge juntamente com um ideal: o de ser verdadeiro para comigo mesmo e para com a minha maneira própria de ser.⁴

A necessidade de reconhecimento das identidades faz com que a pessoa descubra o seu próprio ser. O termo “identidade” foi promovido a um dos conceitos-chave das ciências humanas dos últimos tempos, e um número considerável de estudos em ciências políticas consagrou-se à questão das identidades comunitárias ou nacionais.

Taylor menciona ainda que:

Consideremos o significado de *identidade*: é aquilo que nós somos, de onde nós provimos. Assim definido, é o ambiente no qual os nossos gostos, desejos, opiniões e aspirações fazem sentido. Se algumas das coisas a que eu dou mais valor estão ao meu alcance apenas por causa da pessoa que eu amo, então ela passa a fazer parte da minha identidade.⁵

Fala-se então que identidade, em seu conceito de diferença, contém elementos inclusivos e excludentes, pois ao mesmo tempo em que integra um indivíduo a um grupo, ela o exclui em razão da provável diferença entre as pessoas de uma comunidade. A reivindicação da identidade pode exprimir um sentimento de ser, de saber diferente.

Na atualidade, a cultura pode traduzir uma resposta ao sentimento de perda de identidade do homem, assim como uma nova função atribuída à noção da cultura implica outras abordagens e novos deslocamentos. Ela não pode mais definir-se como um domínio exclusivamente estético, intelectual e antropológico, pois sua concepção se expande vindo a designar, igualmente, saber, escolha de existência, domínio de análise, prática de comunicação e de interação, por isso a busca pela identidade. Segundo menciona Bertaso:

³ MARTINAZZO, Celso José. *A utopia de Edgar Morin: da complexidade à concidadania planetária*. 2. ed. Ijuí, RS: Ed. Unijuí, 2004. p. 76 (Coleção Educação).

⁴ TAYLOR, Charles. *Multiculturalismo*. Trad. de Marta Machado. Lisboa: Instituto Piaget, 1994. p. 48.

⁵ Id. *ibid.*, p. 54.

[...] a problemática que o multiculturalismo nos coloca envolve a necessidade de redefinição e de reinterpretação da cidadania na sua ambivalência e complexidade para que possa sustentar a convivência humana, respeitando as diferenças próprias de cada cultura, sem prejuízo da manutenção da ideia de igualdade que encerra um avanço social e político, e que revestiu a todos de uma couraça de direitos gerais, independentemente das condições étnicas de cada cidadão.⁶

A história cultural substitui a ambígua história das mentalidades. Pode-se dizer que os conceitos de cidadania trouxeram realidades diferentes à pessoa que preza muito mais pelos ideais de igualdade e interessa-se por outros níveis de análise, como algumas noções de comunicação distintas que geram: a transmissão, a aquisição, o dito, o pensado, o imaginado e o criado.

Taylor afirma nesse sentido que:

[...] todas as culturas humanas que dinamizaram sociedades inteiras, durante um considerável espaço de tempo, têm algo de importante a dizer sobre todos os seres humanos. Exprimo-me desta maneira para excluir contextos culturais parciais no seio de uma sociedade, assim como pequenas fases de uma grande cultura.⁷

O reconhecimento da existência de exclusões de minorias étnicas no seio das democracias ocidentais é a grande razão do aparecimento do multiculturalismo. A correção de injustiças pressupõe uma definição dos meios que permitem a coexistência de culturas diferentes dentro de uma sociedade democrática. Na perspectiva dos multiculturalistas, a concepção liberal de cidadania não passa de uma ficção, uma vez que o universalismo, reivindicado por ela, não seria senão um etnocentrismo camuflado. Assim, longe de pretender enfraquecer a democracia, o reconhecimento das minorias seria a legitimidade social.

No que concerne ao contexto brasileiro, à questão cultural e às interrogações inerentes aos efeitos da globalização, tem-se que o fenômeno da globalização acentua o sentimento de perda de identidade, ou seja, em um mundo de metamorfoses, se a globalização proporciona novas solidariedades planetárias, como ecologia e direitos humanos, elas devem reforçar as necessidades de reconhecimento das diferenças. Num mundo sem fronteiras e sem referências, a busca por identidades se acelera, favorecendo múltiplas solidariedades, portadoras de identidades de substituição, em níveis nacional, local e individual, podendo modificar os modos de vida das pessoas e a própria cultura, ou seja, a globalização provoca uma fragmentação e uma uniformização. Deste sentimento de instabilidade, que conduz o indivíduo

⁶ BERTASO, João Martins (Org.). *Cidadania e interculturalidade*: produção associada ao projeto de pesquisa "Cidadania e interculturalidade". Santo Ângelo: FURI, 2010. p. 58.

⁷ TAYLOR, Charles. Op. cit., 1994, p. 87.

a incessantes tomadas de riscos, resultam os “mal-estares” da identidade contemporânea, como bem constata Giddens.⁸

2 Valorização das identidades culturais

No sentido de verificar identidades culturais há de se falar em nacionalismo, que aparece como revelador de tempos de crises e de imprevisibilidades. Sem dúvida, o nacionalismo e suas variantes, como racismos, canalizam reações e sentimentos distintos. O retorno às origens culturais e suas reações por parte das nações podem traduzir a perda das certezas na ideia de progresso, ou seja, o sentimento de perda de um futuro. Hall expressa:

As identidades nacionais, como vimos, representam vínculos a lugares, eventos, símbolos, histórias particulares. Elas representam o que algumas vezes é chamado de uma forma particularista de vínculo ou pertencimento. Sempre houve uma tensão entre essas identificações e identificações mais universalistas – por exemplo, uma identificação maior com a “humanidade” do que com a “inglêsidade” (*english-ness*).⁹

O estudo sobre o passado das origens das nações e o retorno às reivindicações culturais dos povos tiveram por consequência, junto às ciências humanas, a revalorização do paradigma das identidades. O culto do passado predispôs a própria disciplina história a se mobilizar na construção de memórias e de identidades particulares. Esse fato adquiriu uma dimensão inédita no mundo onde se inventam entidades nacionais que encontram na construção de um passado.

Neste sentido menciona Caldera:

A identidade, por outra parte, é condição da universalidade. Identidade e universalidade são termos indissociáveis. Somente se tem identidade na medida em que as expressões particulares se integram na universalidade das culturas. Somente se alcança a universalidade quando esta se forma pela convergência de múltiplas determinações, pelo que chamamos de *unidade na diversidade*.¹⁰

A identidade cultural é uma construção ou uma reconstrução feita a partir de elementos e tem uma finalidade evidente: é uma máquina de sobrevivência, que utiliza o passado e o futuro para reconfortar o presente, a partir de questões vinculadas à ideia de soberania e de diversidade cultural. “A descoberta da minha identidade não significa que eu me dedique a ela

⁸ GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Ed. Unesp, 1991.

⁹ HALL, Stuart. Op. cit., 2006, p. 76.

¹⁰ CALDERA, Alejandro Serrano. A ética entre a mundialização e a identidade. In: SIDEKUM, Antônio (Org.). *Alteridade e multiculturalismo*. Ijuí, RS: Ed. Unijuí, 2003. p. 355.

sozinho, mas, sim, que eu negocie, em parte, abertamente, em parte, interiormente, com os outros.”¹¹

Não há como refrear a suposta homogeneidade cultural construída ao longo do desenvolvimento da humanidade pelos diversos grupos étnicos; neste sentido, a heterogeneidade tem se constituído predominante da sociedade contemporânea. Por isso, há que se reconhecer que muitas são as dificuldades que se verificam perante essa realidade irrevogável e irreversível.

Um dos obstáculos percebidos na busca pela convivência pacífica e tolerante relaciona-se à visão de que, não raro, a diferença é associada à inferioridade e desigualdade, e o outro se torna inferior e passa a representar uma ameaça aos padrões de determinados grupos. Padrões fixados nas culturas ocidentais brancas, letradas, masculinas, heterossexuais e cristãs, estão arraigados no imaginário social e naturalizados cotidianamente nos diversos espaços de convivência humana, afetando tanto os grupos minoritários como os pertencentes a grupos diferentes. São padrões culturais definidos e impostos a grupos ocidentais brancos que se dizem mais capazes e melhores que os demais existentes, tornando os diferentes alvos de exclusão, discriminação e preconceito.

Segundo Canclini:

As teorias do étnico e do nacional são, em geral, teorias das diferenças. Por outro lado, o marxismo e outras correntes macrossociológicas (tais como as que se ocupam do imperialismo e da dependência) dedicam-se à desigualdade. Em alguns autores encontram-se combinações de ambos os enfoques, como certos enfoques do nacional em estudos sobre o imperialismo ou contribuições à compreensão do capitalismo em especialistas da questão indígena. Quanto aos estudos sobre conectividade e desconexão, concentram-se nos campos comunicacional e informático, com escasso impacto nas teorias socioculturais.¹²

Algumas ideologias, como a do branqueamento, estão centradas numa visão etnocêntrica de mundo, isto é, na cultura do próprio grupo como a única aceitável e correta, conforme as identidades projetadas de si mesmos e reproduzidas como uma espécie de repressão, afetando a vivência social de todos os grupos culturais, sejam os ditos superiores ou inferiores.

Por isso, torna-se difícil, muitas vezes, situar quem é quem no jogo das diferenças, nas relações de poder desiguais, de quem se posiciona na condição de dominante ou de dominado, uma vez que em todos os grupos culturais existem aqueles que são discriminados e discriminadores.

¹¹ TAYLOR, Charles. Op. cit., 1994, p. 54.

¹² CANCLINI, Néstor García. *Diferentes, desiguais e desconectados*: mapas da interculturalidade. 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2009. p. 55.

Cabe aqui mencionar o exemplo de um sujeito negro que é discriminado por outro branco, mas que maltrata a mulher em casa; ou de um praticante do candomblé que é alvo de preconceito dos católicos, porém combate os evangélicos ou a união estável entre pessoas do mesmo sexo; ou mesmo o caso de um gay ou lésbica que sofre na pele o preconceito pela sua condição sexual, mas que não deixa de assumir posição racista diante de uma pessoa negra. Percebem-se muitos atos discriminatórios que não são bem reproduzidos devido ao desconhecimento cultural ou uma não aceitação. No entendimento de McLaren:

As primeiras tendências do multiculturalismo conservador podem ser encontradas naquelas visões coloniais em que as pessoas afro-americanas são representadas como escravos e escravas, como serviçais e como aqueles que divertem os outros, visões que estiveram fundamentadas nas atitudes profundamente autoelogiosas, autojustificatórias e profundamente imperialistas dos europeus e norte-americanos [...] as pessoas africanas eram comparadas, pela sociedade branca, aos animais selvagens ou às crianças cantantes e dançantes de corações dóceis.¹³

Nas sociedades contemporâneas ocidentais as lutas pelo poder não se desenrolam somente no espaço político e econômico, mas ampliam-se para o terreno cultural e, também, para um cenário de interdependência global e de intercâmbios culturais, contribuindo para promover discriminações, atingindo grupos economicamente mais fragilizados. Assim, a mobilização de esforços vai se tornando urgente e inadiável no sentido de solucionar e combater a opressão ou, em última instância, aliviar as tensões, conter a propagação dos racismos, bem como reafirmar os direitos humanos, garantindo o direito à pluralidade e às diferenças culturais, a fim de evitar abalos mais profundos nos alicerces da ordem vigente.

Em virtude de tantas mudanças que vêm acontecendo com a globalização mundial, as agências internacionais, como a Organização das Nações Unidas (ONU), via Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), juntamente com o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) e o Banco Mundial, acionaram seus países-membros para que fossem intensificadas as discussões sobre educação, tolerância e respeito à diversidade cultural, já que este é um problema indistinto para pobres e ricos, negros e brancos, mulheres e homens, independente de classe ou grupo social.¹⁴

¹³ McLAREN, Peter. *Multiculturalismo crítico*. Prefácio de Paulo Freire. Apresentação de Moacir Gadotti. Trad. de Bebel Orofino Schaefer. 3. ed. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire, 2000. p. 111. (Coleção Prospectiva, v. 3)

¹⁴ SILVA, Maria José Albuquerque da; BRANDIM, Maria Rejane Lima. Multiculturalismo e educação: em defesa da diversidade cultural. Disponível em: <<http://www.fit.br/home/link/texto/>

Nesse sentido, são traçadas metas, definidas propostas e promovidos eventos, como conferências, para manter o controle dos antagonismos sociais e culturais. Por meio desses eventos, o Brasil pode assumir o compromisso de reformular os discursos e implementar reformas nos sistemas educacionais e curriculares oficiais, articulando princípios de educação para a tolerância, cultura e respeito às diferenças culturais entre povos, etnias, nações.

Touraine menciona sobre este tema:

Os direitos culturais não visam apenas à proteção de uma herança ou da diversidade das práticas sociais; obrigam a reconhecer, contra o universalismo abstrato das luzes e da democracia política, que cada um individual ou coletivamente pode construir condições de vida e transformar a vida em social ou coletivamente, pode construir condições de vida e transformar a vida social em função de sua maneira de harmonizar os princípios gerais da modernização com as 'identidades' particulares.¹⁵

Levar em conta culturas simples e de educação implica repensar formas de reconhecer, valorizar e incorporar as identidades plurais em políticas e práticas curriculares. É estimular, na educação, práticas sobre respeito e igualdade, as quais levam à civilidade. Refletir sobre mecanismos discriminatórios que tanto negam voz a diferentes identidades culturais, silenciando manifestações e conflitos culturais, bem como buscando homogeneizá-las. Tais reflexões constituem o alicerce para se situar o multiculturalismo no terreno educacional.

3 Globalização e culturalismos

A globalização se faz pelos modos de comportamento e se coloca como reivindicação de diferentes tipos de identidades: nacional, étnica e religiosa. Na realidade, a globalização dissolve as fidelidades cívicas e nacionais, enquanto as relações transnacionais, das quais ela se alimenta, favorecem as múltiplas solidariedades portadoras de identidades de substituição. Castells fala que “[...] em um mundo cada vez mais saturado de informações, as mensagens mais eficientes são também as mais simples e mais ambivalentes, de modo a permitir que as pessoas arrisquem suas próprias projeções”.¹⁶ Desse modo, as forças de protesto em novas identidades insurgem contra

Multiculturalismo.pdf>. Acesso em: 01 abr. 2012.

¹⁵ TOURAINE, Alain. *Um novo paradigma para compreender o mundo hoje*. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 171.

¹⁶ CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. Trad. de Klaus Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1999. p. 370.

uma ordem internacional que elas não conseguem dominar, mediante múltiplas engrenagens, frustração e ressentimento, contribuindo para que o espectro dos fantasmas do passado se erga contra esse movimento.

Com tantos estudos sobre fatores interligados à identidade cultural, tão importante quanto a identidade vinculada ao passado é aquela que se projeta para o futuro: é dela que provavelmente virão as respostas aos novos desafios e é ela quem deve merecer particular atenção. No tocante ao pensamento de evolução de conceitos, os museus são exemplos de memorização de culturas. É preciso levar em conta que os museus são por excelência os depositários da identidade que já se cristalizou, que goza de um consenso forjado nas instituições culturais do país.

O amparo às identidades culturais nos novos meios eletrônicos tem como resultado benefícios evidentes já configurados em países que avançaram nesse campo, na forma de atividade econômica em geral, pois geram novos empregos, maior arrecadação de impostos e ainda o desenvolvimento da cidadania. Estes são componentes da capacidade de governo de forma geral, meta por excelência da consciência política de um povo. Segundo Morin:

[...] o conhecimento pertinente é o que é capaz de situar qualquer informação em seu contexto e, se possível, no conjunto em que está inscrita. Podemos dizer até que o conhecimento progride não tanto por sofisticação, formalização e abstração, mas, principalmente, pela capacidade de contextualizar e englobar.¹⁷

O conhecimento é que leva o homem a crescer dentro de seu grupo, o que, de certo modo, faz com que se crie uma integração cultural, melhorando as relações e buscando sanar diferenças com respeito às exigências e potencialidades de um povo.

4 **Multiculturalismo e reconhecimento em âmbito cultural**

O multiculturalismo tem se constituído num movimento de afirmação e resistência de identidades culturais, situando-se na dinâmica dos acontecimentos mundiais a partir de movimentos sociais. Tem sido alvo de análise de formas diferentes, resultando em múltiplas tentativas de mapeamento do campo cultural, por meio do qual a diferença é tanto construída como negada.

A noção de identidade e de autenticidade introduziu uma nova dimensão na política de reconhecimento igualitário, que agora funciona como algo

¹⁷ MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Trad. de Eloá Jacobina. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 15.

parecido a um conceito próprio de autenticidade. Deve-se pensar que as pessoas são reconhecidas pelas identidades únicas.

Segundo Taylor:

Em relação à política de igual dignidade, aquilo que se estabelece visa à igualdade universal, um cabaz idêntico de direitos e imunidades; quanto à política de diferença, exige-se o reconhecimento da identidade única deste ou daquele indivíduo ou grupo, do caráter singular de cada um.¹⁸

Nas discussões acerca do multiculturalismo torna-se primordial mencionar o reconhecimento como arma para a busca das igualdades. O reconhecimento se faz necessário no sentido de identificar cada cultura como diferença humana para que todos tenham direitos fundamentais legalmente reconhecidos.

Algumas posições multiculturalistas existentes indicam vertentes conservadoras, as quais sustentam a ideia de que o déficit cultural dos grupos não brancos pode ser superado com a ajuda dos grupos culturais brancos, em prol de uma cultura comum, padronizada. Tal postura acaba contribuindo para a desmobilização dos grupos dominados em suas lutas pela afirmação do seu capital cultural.¹⁹ A pluralidade de ideias acerca do multiculturalismo só adquire significado quando inserida numa política de justiça e de transformação social. De nada adianta realizar estudos, intensificar a consciência global advinda com o fenômeno da globalização e realizar mudanças na esfera legislativa educacional se não forem mudadas as concepções de cultura impostas à sociedade. As compreensões neste sentido são facilmente demonstradas com os frutos de lutas históricas e sociais, sendo definidas mediante as transformações nas relações sociais, culturais e institucionais, no interior das quais os significados são gerados. A grande meta a ser atingida é a equidade.

O reconhecimento de culturas diferentes é visto como um fator de integração e, dentro desta perspectiva, uma democracia para ser reconhecida deve se transformar em cultural, a fim de garantir os direitos universais e a diversidade das identidades individuais.

Pode-se afirmar então que o paradoxo das identidades culturais reside na própria indeterminação de suas acepções e na fragilidade de suas construções. Uma identidade cultural constitui um coeficiente de crenças e necessita que estas pertençam a um povo, a um sistema de valor, a uma instituição que a submeterá à ideologia. A globalização parece ter produzido

¹⁸ TAYLOR, Charles. Op. cit., 1994, p. 58.

¹⁹ McLAREN, Peter. Op. cit., 2000.

efeito – o chamado de mundialização –, que fortaleceu o sentimento de uma identidade entre os homens.

Considerações finais

As diferenças e as desigualdades deixam de ser fraturas a serem superadas. O Humanismo menciona hoje que muitos fatores vêm contribuindo para que o reconhecimento de culturas seja cada vez mais trabalhado de maneira intensa no mundo. A unificação globalizada dos mercados não se sente perturbada pela existência de diferentes e desiguais, o que é mais uma prova de que o multiculturalismo tem tomado proporções no sentido de melhorar as relações entre as pessoas e busca dirimir os conflitos. A sociedade, antes concebida em termos de estratos e níveis, ou distinguindo-se segundo identidades étnicas ou nacionais, agora é pensada como uma sociedade de rede, na qual as culturas são exploradas e cuidadosamente redescobertas. A identidade cultural, o multiculturalismo, as nacionalidades e a cidadania transformam-se em objeto de análise não apenas por sua relevância, mas pela necessidade de estudo e abordagem dos fenômenos políticos e históricos nos quais atuam.

Algumas noções de cultura, tradicionalmente, aplicam-se a realidades específicas, e ainda à necessidade de identificar a cultura como parte importante do reconhecimento humano e da luta pela identidade do ser como pessoa. Assim, pode-se afirmar que o intenso estudo sobre as culturas é de suma importância para se chegar à identificação de um Estado igualitário que busca dirimir desigualdades e sabe lutar pelas diferenças de maneira a proteger aqueles que fazem parte de um grupo minoritário da sociedade.

Referências

- BERTASO, João Martins (Org.). *Cidadania e interculturalidade*: produção associada ao projeto de pesquisa “Cidadania e interculturalidade”. Santo Ângelo: FURI, 2010.
- CALDERA, Alejandro Serrano. A ética entre a mundialização e a identidade. In: SIDEKUM, Antônio (Org.). *Alteridade e multiculturalismo*. Ijuí, RS: Ed. Unijuí, 2003. p. 355.
- CANCLINI, Néstor Garcia. *Diferentes, desiguais e desconectados*: mapas da interculturalidade. 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2009.
- CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. Trad. de Klaus Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Ed. Unesp, 1991.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MARTINAZZO, Celso José. *A utopia de Edgar Morin: da complexidade à concidadania planetária*. 2. ed. Ijuí, RS: Ed. Unijuí, 2004. (Coleção Educação).

McLAREN, Peter. *Multiculturalismo crítico*. Prefácio de Paulo Freire. Apresentação de Moacir Gadotti. Trad. de Bebel Orofino Schaefer. 3. ed. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire, 2000 (Coleção Prospectiva, v. 3).

MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Trad. de Eloá Jacobina. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 15.

_____. *O método 5: a humanidade da humanidade*. Trad. de Juremir Machado da Silva. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007. 309 p.

TAYLOR, Charles. *Multiculturalismo*. Trad. de Marta Machado. Instituto Piaget: Lisboa, 1994.

TOURAINÉ, Alain. *Um novo paradigma para compreender o mundo hoje*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006. 261 p.

SILVA, Maria José Albuquerque da; BRANDIM, Maria Rejane Lima. Multiculturalismo e educação: em defesa da diversidade cultural. Disponível em: <<http://www.fit.br/home/link/texto/Multiculturalismo.pdf>>. Acesso em: 01 abr. 2012.

Recebido em 30/04/2012. Aprovado em 17/08/2012.